



PROJETO EDUCATIVO | CFA

Educar para Ser – 100% pelas crianças

julho de 2025

*“Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”*

Antoine de Saint-Exupery
In “O Principezinho”

Documento aprovado pelo Conselho de Administração da Fundação Alentejo
a 10 de julho de 2025, com vigência de três anos letivos.

INTRODUÇÃO

Este documento demorou a ser feito, ou melhor, a ser assumido por nós por termos estado durante estes treze anos a construir, desconstruir e reinventar novas políticas e práticas pedagógicas que fomos conhecendo, detetando e refletindo sobre elas.

Importante referir que a grande inspiração para este crescimento pessoal e profissional foi o Professor Joaquim Azevedo a partir dos seus seminários "A educação do futuro está aqui". Pedagogo consciente das falhas do sistema, defensor e provocador da mudança educacional, pessoa sensível, atenta e preocupada com as crianças e os jovens de hoje.

Com ele conhecemos projetos e formas de pensar e agir que nos fizeram sentido, que nos fizeram acreditar que somos e fazemos parte da mudança que queremos.

Por ele foram-nos apresentadas a 12 questões antes de dar o salto dos *Jesuítas Educacio*, horizonte 2020:

1. Já começamos a caminhar?
2. Temos as pessoas chave preparadas?
3. Alcançámos o interior das pessoas a envolver?
4. Ganhámos autoconfiança?
5. Possuímos um sonho comum de mudança que nos mobilize?
6. O aluno encontra-se no centro do sonho?
7. Temos já um bom stock de liderança, energia e sonho?
8. Temos a governação preparada?
9. Pusemos já em marcha ferramentas, instrumentos e projetos suficientes para sustentar a mudança?
10. Temos capacidade profissional para promover uma mudança sistémica?
11. Mudámos a cultura hierárquica?
12. Começámos a ter uma forte coligação para a mudança?

Hoje, depois de termos respostas para cada uma destas perguntas, de criarmos ferramentas e testarmos formas de agir, sentimo-nos preparados para assumir a nossa identidade, a nossa essência, o nosso compromisso com a Educação.

Sempre de uma forma transparente e consciente, dedicamo-nos e trabalhamos com paixão para o futuro destas crianças.

Por reconhecimento da confiança que a nossa entidade proprietária, a Fundação Alentejo, nos demonstra e a abertura para fazer diferente, faz-nos sentido manter

sempre presente neste documento o Início e Propósito da criação desta valência, também ela pensada e sonhada “para o Alentejo e para os Alentejanos”.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	3
1. INÍCIO E PROPÓSITO.....	6
2. MISSÃO E VALORES.....	8
3. FILOSOFIA CFA.....	8
4. INCLUSÃO.....	9
5. OS PROFISSIONAIS	10
7. INTERIORIDADE.....	15
8. DETALHES	16
9. VALÊNCIAS CFA.....	21
9.1. VALÊNCIA DE CRECHE.....	21
9.2. VALÊNCIA DE PRÉ-ESCOLAR	25
10. MODELO PEDAGÓGICO “EDUCAR PARA SER” Valência de Pré-Escolar	29
11. HETEROGENEIDADE.....	34
12. ADAPTAÇÕES E TRANSIÇÕES.....	35
13. ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR	36
14. AVALIAÇÃO	37
15. PERFIL DA CRIANÇA À SAÍDA DO CFA.....	39

1. INÍCIO E PROPÓSITO

O Colégio Fundação Alentejo situa-se em Évora, na Urbanização da Muralha, no extremo norte da freguesia da Horta das Figueiras, numa zona moderna e privilegiada quanto ao seu entorno urbanístico e paisagístico. Integrando o complexo socioeducativo da Fundação Alentejo, situado no espaço contíguo às restantes respostas educativas que esta Fundação vem oferecendo à cidade e região; o Colégio beneficia desta proximidade, numa lógica de complementaridade e potencialização de recursos físicos e humanos.

Ainda como elementos positivos e diferenciados da sua localização refira-se a proximidade ao património arquitetónico e museológico que faz de Évora uma cidade Património Cultural da Humanidade (Unesco), ao equipamento cultural de referência que é a Arena de Évora, bem como o Jardim Público da cidade, ao seu parque infantil e demais recursos lúdicos e educativos que o compõem. Igualmente são recursos da comunidade mais próxima múltiplos equipamentos desportivos, também orientados para crianças e jovens, de que se destacam as piscinas da Aminata e o Picadeiro da GNR.

A freguesia da Horta das Figueiras, uma das áreas em expansão urbana extra-muros mais coesas, apresenta características únicas, quer pela proximidade ao centro histórico, quer pela facilidade/densidade de acessos e pela multiplicidade de pólos de atividade urbana que a definem como um espaço urbano plural. Em clara oposição a outras freguesias da cidade extra-muros, em que prevalece, quase exclusivamente, a função residencial, na área desta freguesia concentram-se uma multiplicidade de atividades económicas já consolidadas- parques industriais, serviços e comércio- bem como as grandes áreas de desenvolvimento da cidade: as novas áreas comerciais e os polígonos industriais ligados aos novos clusters.

É, desta forma, uma área urbana que possui uma população residente muito significativa, mas que, a par dessa, acolhe diariamente um número crescente de profissionais, muitos deles jovens casais, vindos de outros bairros e freguesias urbanas, bem como dos concelhos vizinhos, os quais aqui trabalham nos mais variados setores de atividade, ou aqui, nos seus múltiplos espaços de estacionamento, deixam as suas viaturas, quando o seu local de trabalho se situa no centro histórico.

A referida densidade de acessos e a facilidade de estacionamento que caracteriza a zona específica onde se encontra o Colégio é, assim, uma mais valia que concorre para a resolução de uma relevante preocupação diária com que as famílias se confrontam,

face à necessidade de acompanhar os seus educandos à escola, em condições de facilidade, conforto e segurança.

Sendo a cidade de Évora, por excelência, o Pólo de desenvolvimento do Alentejo Central, e aquele que, no contexto regional, concentra a maioria das funções administrativas e as respostas sociais e culturais “centrais”, o seu concelho é aquele que continua a apresentar um crescimento populacional mais significativo e sustentado, reforçado pelo potencial da atração de novos residentes, jovens e qualificados, que decorre da instalação das novas atividades ligadas aos novos clusters e ao desenvolvimento local.

É este contexto que está presente na definição de um certo modelo em que o Colégio da Fundação Alentejo terá de assentar: orientado para uma resposta de qualidade, pautada pela inovação pedagógica e organizativa e para uma flexibilidade de respostas que, tendo em conta o superior interesse da criança e do seu desenvolvimento cognitivo, físico e social, possa, também, apoiar a conciliação entre a vida pessoal, social e profissional das famílias bem como da sua capacitação enquanto primeiros educadores.

Mais do que acrescentar um equipamento socioeducativo, pretende-se que o Colégio interprete necessidade e constitua respostas para os novos desafios da população urbana de toda a cidade e região e possa contribuir positivamente para o potencial de atractibilidade de Évora, face aos novos residentes que o seu desenvolvimento exige e mobiliza.

Este será, assim, um projeto fortemente contextualizado que irá beneficiar de um percurso já realizado e solidamente consolidado, traduzido em praxis inovativas, nos planos pedagógicos e organizacionais e com um largo respaldo nas tecnologias da informação e comunicação e num corpo de profissionais estável, empenhado, mobilizado e capacitado, que constituem um património disponível e mobilizável pelo Colégio da Fundação Alentejo.

Na linha do património mobilizável pelo CFA, não podemos deixar de ter em conta que o complexo escolar da Fundação Alentejo, já existente em Évora, o qual alberga, entre outras valências, a Escola Profissional da Região Alentejo, foi considerado pela UNESCO, em 2000, “um estabelecimento de ensino exemplar”, cuja classificação contribui, em muito, numa nova visão da escola, enquanto organização aberta ao mundo exterior aos desafios da modernidade, assente numa multiplicidade de parcerias ativas (qualificantes, estratégicas, simbólicas e/ou de excelência), designadamente com o

mundo do trabalho e com uma rede de instituições de educação e formação, no espaço nacional e europeu.

Fundação Alentejo, setembro 2011

2. MISSÃO E VALORES

Uma única missão, “Educar para Ser”, cheia de propósitos e complexidade face à atualidade. Uma educação contextualizada e pensada para as respostas e necessidades dos dias de hoje onde também se resgatam valores humanos essenciais e necessários para contribuir para uma sociedade mais humana, consciente, ativa e de responsabilidade.

O compromisso em trabalhar pilares como:

- Educação para a saúde e resiliência;
- Educação para a autonomia e responsabilidade;
- Educação para a criatividade e empreendedorismo;
- Educação para a solidariedade e cidadania.

Um trabalho assumido e devidamente comprovado na forma como se define diariamente, se projeta e se avalia.

3. FILOSOFIA CFA

Nós somos aquilo que sentimos, com um sentido de missão único, um olhar irreverente sobre a Educação e uma capacidade de agir sobre a mudança que marca a diferença.

Somos sérios, transparentes e diretos nos assuntos que nos tocam e envolvem as necessidades e interesses das crianças que nos chegam. Pensamos, avaliamos, refletimos e reestruturamos no momento, no preciso instante em que sentimos que algo tem de ser feito. Somos também movimento, palavra e atitude. Queremos mudança, agitar as mentes dos profissionais, virar a página, fazer história, nós queremos discutir,

debater, queremos conversar sobre Educação e fazer parte desta evolução constante, acompanhar a modernidade dos dias, com os pés assentes na terra, a cabeça nas nuvens e o coração aberto ao sonho, à imaginação, à Arte da vida.

Apostamos em novas políticas pedagógicas que abraçam novas estratégias de trabalho com as crianças, potencializam diferentes organizações do espaço, valorizam o trabalho de todos os profissionais, criando diferentes formas de agir, pensar, de Educar com todos e para todos. Equipas e crianças altamente flexíveis que brincam, aprendem e sentem. Muitas vezes a nossa Filosofia é agir com tal coragem e força que acreditamos que é possível mudar o mundo, é para aí que caminhamos, em direção aos que ainda não nasceram, ao que ainda não foi inventado nem escrito, em direção ao futuro. Um futuro onde, enquanto agentes de educação sejamos pessoas que raramente ou quase nunca prestam pouca atenção aos detalhes.

4. INCLUSÃO

“não como uma Bandeira, mas como o DNA de uma escola” Sofia Ramos

Vivemos num mundo cheio de particularidades e diferenças que precisam ser atendidas e respeitadas. Um mundo onde contrariamente ao expectável, com a evolução da sociedade, as diferenças são vistas como um problema e até com repulsa. Diferenças individuais, de cor, etnia, religião e até mesmo culturais que nos deviam complementar como pessoas e cidadãos e particularidades de saúde que merecem, não um olhar diferente, mas uma resposta capacitada e um sentido de ajuda.

A escola, esse lugar de todos e para todos, onde se apreende o respeito pela vida, pela diversidade e procura do exemplo. O lugar seguro e isento de julgamentos que nos ensina a conhecer e viver em sociedade com um sentido de igualdade, justiça e de proximidade do outro. Profissionais capazes de olhar cada criança como um ser único, cheio de detalhes que merece respeito e cuidado na forma de ensinar. Um ser que não se rotula, mas que se entende e com o direito igual de aprender e ser.

Uma equipa de profissionais que dão o seu melhor e que, em parceria com a equipa de intervenção precoce, encontram respostas adequadas a cada caso e trabalham no sentido de evoluir as capacidades individuais de cada criança e a própria aceitação das suas famílias.

Para nós, este é o nosso mundo, a sociedade e particularidades que recebemos e abraçamos de forma igual, com o mesmo sentido de compromisso e respeito. Pessoas e seres que nos enriquecem e complementam, nos ensinam a importância de ser diferente, as lutas que enfrentam pela aceitação dessa diferença e o valor de cada conquista e superação das mesmas.

Aprendizagens partilhadas que fazem com que as nossas crianças vejam o outro como igual, parte da sua sociedade e com quem aprendem a se preocupar, cuidar e proteger. Crianças que fazem parte de um só grupo e capazes de superar diferenças com uma grande subtileza de tal forma que quem chega não se apercebe que elas existem.

O nosso colégio como uma escola que educa e é de todos e para todos.

5. OS PROFISSIONAIS

“É a riqueza nas diferenças pessoais e profissionais que geram a identidade, própria que conseguimos construir e ter uma equipa rica que se acrescenta, suporta e apoia.”

Sofia Ramos – Diretora Executiva

No entanto é claro para a liderança que a equipa de profissionais tem de ter brio e rigor para conseguirmos chegar à excelência. Para isto tem que existir um trabalho sustentado na confiança e ajuda entre ambas, um envolvimento que gera compromisso. Um discurso que se pretende verdadeiro, partilhado e com um sonho comum e que, só assim se consegue que se sinta de “uma só voz” o mesmo discurso, a mesma linguagem, o mesmo sentido.

Uma liderança que não se faz parecer, mas que o é, onde o seu papel é de suporte e sustento para toda a equipa sempre acreditando no seu potencial e superação.

Os profissionais que trabalham connosco têm de se identificar e começar por assumir com aquele que consideramos ser a base de perfil de pessoa:

Perfil de Competências Profissionais CFA "Educar para Ser"

- Cumprir e garantir dentro da sua esfera de ação, a missão e valores do CFA;
- Garantir o cumprimento do código de conduta;
- Identificar o nome de todas as crianças;

- Identificar os pais de cada criança;
- Respeitar cada criança emocional e fisicamente;
- Garantir continuamente a higiene e bem-estar de cada criança até ao momento da saída diária da instituição;
- Garantir ao longo do dia a alimentação essencial ao desenvolvimento de cada criança;
- Garantir a segurança dos grupos;
- Reconhecer e partilhar erros;
- Reconhecer, identificar e partilhar aspetos positivos e aspetos a melhorar entre colegas e instituição;
- Respeitar toda a equipa;
- Partilhar entre equipa;
- Garantir o bom funcionamento da instituição cooperando quando necessário;
- Ser responsável pelos seus atos;
- Respeitar as particularidades de cada família e saber adequar as respostas às necessidades das mesmas;
- Cumprimentar, educadamente, (sempre) todas as pessoas com quem se cruza;
- Tratar pelo nome os pais das crianças;
- Ser responsável e proactivo no seu desenvolvimento profissional;
- Ter atitude profissional;
- Ser Resiliente.

Para que este perfil de competências seja colocado em prática e bem visível em cada profissional é de extrema importância o respeito pela ética (princípios basilares do comportamento humano) e por consequência pelo sigilo profissional (respeito e integridade moral na forma como se tratam as informações recebidas). Em tudo o código de conduta e boas práticas da Fundação Alentejo é a base e referência para um trabalho de respeito inabalável pela vida e privacidade de cada uma das crianças e colaboradores.

Pela nossa vivência ao longo destes anos sentimos necessidade de criar para cada valência, regras de funcionamento e cuidado que os profissionais têm a obrigação de cumprir sob consequência disciplinar no desrespeito das mesmas.

O CFA assume com muito rigor a questão das avaliações quer dos profissionais como das crianças.

A Avaliação de Desempenho criada e restrukturada a cada nova entrada de profissionais, serve para que os mesmos identifiquem os seus pontos fortes e dificuldades em cada uma das áreas estabelecidas, sendo da sua inteira responsabilidade a forma como se avaliam e sobre o que se avaliam.

Com isto reforçamos a aprendizagem pelo erro e o assumir de responsabilidades/consciencialização do mesmo como fator essencial para nos tornarmos mais fortes e melhores profissionais.

Apesar de nem sempre ser aceite, é importante que a equipa pedagógica dê conta do trabalho que faz e que isso a ajude a refletir sobre as suas práticas pedagógicas e pessoais. Este momento feito durante a hora não letiva de reflexão entre educadoras, para além da sua extrema importância no que refere à partilha, é visível para os pais, quando vêm buscar os seus filhos e transmite por si só união e rigor entre profissionais. Com isto, pretende-se não só o rigor e a reflexão constante, mas que, acima de tudo valorizem a profissão que têm e o impacto que isso tem na vida das crianças.

Num projeto que se quer como inovador e pela transparência que nos define, é importante ter como comprovar tudo o que nos propomos e dizemos fazer.

Exigente, mas que como retorno consegue a envolvência e o sentido de pertença de toda a equipa, peça indispensável para o sucesso de uma instituição.

6. UM ESPAÇO ABERTO PARA MENTES FLEXÍVEIS

Um espaço visto de cima sem teto, começemos por aí, como se vê um espaço numa outra perspetiva? Conseguir ver a vida vivida dentro de uma escola é um processo complexo que todos devíamos fazer para compreender como as crianças e os adultos se apropriam de espaços e os tornam lugares de aprendizagem, de partilha, de sentido e realidade.

De cima, numa outra perspetiva conseguimos ver muitas coisas a acontecerem ao mesmo tempo, muitas ideias a serem partilhadas, muitas perguntas a serem feitas, as aprendizagens a acontecerem, as emoções que se transformam e nos levam a lugares interiores que determinam as nossas atitudes, a nossa forma de ser.

Neste espaço aberto que é a escola vimos crianças a percorrer corredores, um movimento que permite perceber e ver que são incentivadas a resolver questões reais do dia a dia, sabem fazer recados, treinam a autonomia quando vão buscar informação para fazer investigação e conhecem as pessoas, sabem onde estão e o

que vão pedir. As crianças andam livremente, e ao terem essa liberdade estabelecem relações e conversas com quem se cruzam, apropriam-se de todo o espaço, da vida do dia a dia. As crianças do Pré-escolar não têm apenas consciência do espaço do pré-escolar, mas sim o espaço que é o todo, o todo que não é redutor, compartimentado, o todo que sai da escola e culmina naquilo que é a vida real de cada criança, não há uma diferença, um corte entre a escola e a vida, há uma continuidade, como se o todo fosse o mesmo.

Esta relação fascinante entre o espaço e a mente está intimamente relacionada com a forma como as crianças aprendem e se relacionam entre si permitindo às crianças desenvolver inúmeros aspetos relacionados com a sua capacidade de lidar de uma forma inteligente, perspicaz e cuidada com aquilo que a vida lhes dá. A base de tudo isto recai numa relação reciproca que se cria entre a equipa e as crianças onde a dimensão afetiva e a confiança são priorizadas. As crianças sentem-se seguras, confiantes e capazes, sabem que podem pedir ajuda a qualquer uma das pessoas que encontrarem e sentem-se também responsáveis e incentivadas a ajudar o outro e a estarem atentos ao que se passa à sua volta.

As crianças desenvolvem connosco o seu sentido crítico, a sua capacidade de questionamento, sentem-se ouvidas e têm espaço para falarem sobre o que pensam e sentem. Este tempo de diálogo com as crianças torna-se hoje essencial, por sabermos que a realidade é bem diferente em outros contextos, não só educativos, mas também familiares.

Temos hoje crianças com um enorme conhecimento digital, com facilidade no acesso à informação através dos ecrãs, com perspetivas de aprendizagem e realidades completamente diferentes. Cabe-nos a nós criar novos caminhos de aprendizagem, caminhos até complexos capazes de despertar curiosidade em serem percorridos, onde o saber se alia ao sentimento, à dúvida, à certeza, ao verdadeiro conhecimento e sua aprendizagem, não apenas ao saber adquirido pela ponta dos dedos.

No meio de tanta informação disponível, tanta diversidade e estímulo a que somos reféns é necessária uma seleção rigorosa de conteúdos que sejam de facto educativos e acrescentem algo ao saber. Encontremos forma de valorizar esta tecnologia de que fazemos parte. Treinemos a forma de selecionar, o pensamento crítico, a nossa consciência e procura. A aprendizagem através da interação humana continuará a ser mais estimulante sempre que o conhecimento esteja de mãos dadas à importância do

olhar, do sentir e estar presente para acompanhar. Não podemos apostar só numa educação digital e abandonar as crianças num mundo de “negligência relacional e emocional”.

Visto de dentro, de perto, sabemos que educar as crianças de hoje é o maior desafio do nosso século.

É escrever e pensar seriamente sobre o futuro. Um futuro particular apesar de todas as suas exigências e novos estímulos que requer a essência do descomplicado, do simples e sincero, da presença e confiança.

Deixemo-nos de tendências e novas “enciclopédias de como educar” onde apenas se complica dando novos nomes e repartindo significados tão grandiosos no seu singular que não devemos esquecer.

Amar, cuidar, ajudar e confiar continuam a ser os ingredientes principais. Simples, complexos, mas presentes.

Educar é acreditar que as crianças são capazes de fazer, que não lhe devemos limitar a aprendizagem e vivencias com os nossos medos.

Educar é uma relação que se constrói, uma relação de afeto, de confiança, de igualdade e de respeito para com as crianças que nos acompanham. Mais do que estar com as crianças e transmitir-lhes conhecimento é fundamental respeitar o seu espaço, a sua história, estar disponível para escutar e para partilhar conhecimentos e sentimentos sobre as experiências que fazem parte da vida. Esta relação que nasce é a base para acompanhamos as crianças nos seus mundos e para descobrir que têm tanto para nos ensinar, que as suas ideias se entrelaçam e dão lugar a outras ideias, que podem mudar o mundo. Conhecer as crianças que temos hoje nas escolas e acompanhá-las para que aprendamos a ver a vida com os seus olhos é transformar o ato de educar em algo grandioso que deve ser encarado como espírito de missão e compromisso com a vida humana. Às vezes falta humanidade, na escola nunca pode faltar humanidade.

7. INTERIORIDADE

Um dia, numa das nossas formações externas ouvimos alguém dizer que era importante cuidar do coração das nossas crianças. Fez-nos todo o sentido e procuramos na nossa formação apostar em momentos onde sentíssemos que estávamos a aprender e a prepararmo-nos para trabalhar a interioridade. Primeiro percebemos que é uma enorme responsabilidade debruçarmo-nos e aplicarmos estas práticas no nosso contexto pedagógico. Trabalhar a interioridade é ajudar a trabalhar o que está dentro, o que não se vê quando olhamos para uma criança, mas o que ela sente no seu coração em relação a tudo o que a rodeia. Encontrámos técnicas, estratégias e dinâmicas que se assumem como práticas para trabalhar a interioridade, mas depressa percebemos e sentimos que não há um momento para se fazer interioridade. É um trabalho todo ele transversal que não pode ser preparado para um único momento por dia, por semana por mês, por ano. A interioridade é trabalhada, do nosso ponto de vista, quando os momentos de silêncio acontecem, quando olhamos nos olhos de uma criança e ela se sente abraçada, entendida, cuidada. A interioridade está onde também existe o diálogo, discussão, a compreensão e o entendimento, está mesmo nos momentos de choro de uma criança, na forma como lhe damos a entender que é capaz, que pode superar-se, que não está sozinha e que é livre para conhecer e viver experiências únicas.

A interioridade está cada vez que ousamos dar a mão a uma criança e sentir essa missão única que é "educar para ser".

Para que isto aconteça é necessário começar por todos os profissionais a fazer este trabalho de interioridade. É necessário conhecermo-nos, entendermo-nos e aceitarmo-nos para depois podermos receber e aceitar o outro. Depois de passarmos por uma pandemia, este trabalho tornou-se urgente. Precisamos olhar para dentro para aceitar tudo o que está cá fora e voltarmos a estar atentos ao outro. Com uma missão como a nossa de "Educar para ser" é crucial que isto aconteça, que nos consolidemos como Seres de forma a conseguirmos então, passá-lo para as nossas crianças.

A vida é desafiante, mas simples. Nos dias de hoje e por ser mais fácil para nós complicar, temos que trabalhar a infelicidade mais do que a felicidade. Para a felicidade estamos preparados, para a infelicidade precisamos de encontrar e trabalhar estratégias de superação e conhecimento pessoal. Um caminho que é importante percorrer e que só se faz pensando. Cabe a nós, profissionais de Educação sermos capazes e atentos a todos e qualquer detalhe deste caminho.

8. DETALHES

É nosso especial enfoque todas as considerações que fazemos à mudança na Sociedade em que todos vivemos e por isso nos tem levado a pensar e refletir tanto sobre as novas necessidades. A importância da escola é fundamental e muitas vezes desconsiderada pela forma despreocupada, cansada e com pouca paixão que os seus atores a representam.

Preocupam-nos:

- Relações líquidas (existência egocêntrica/falta de solidariedade):

Tentamos promover relações fortes entre as nossas crianças, baseadas na escuta, na observação, na atenção ao outro, no aprender a partilhar, nas conversas. As crianças aprendem a saber estar a agir com respeito nos diferentes momentos. Aprendem a cuidar umas das outras e a identificar as suas próprias necessidades e as do outro. O dizer bom dia, o até amanhã, o perguntar como está, o abraço, o aperto de mão, valores que recuperamos por darmos importância às relações que se criam de forma verdadeira e com sentido.

- Questões ambientais:

Sensibilizar as crianças para as alterações climáticas e torná-las conscientes é fundamental, muitas vezes não passa pela separação do lixo que tem um impacto tão grande e à qual todos aderem, não sabendo se realmente o processo de reciclagem acontece na íntegra. Passa essencialmente por dar às nossas crianças ferramentas para que saibam e identifiquem a quantidade de material que têm à sua disposição e que é desperdiçado em todos os momentos, trata-se de uma sociedade materialista que consome e que a nossa missão passa pela reeducação. No CFA as crianças têm a área do faz e conta onde as famílias podem contribuir com materiais para que as crianças façam os seus projetos e construam os seus próprios brinquedos. As crianças utilizam os materiais que já não são mais utilizados e reutilizam-nos, transformam-nos e dão-lhes uma nova vida. Esta possibilidade permite que esta seja uma das áreas preferidas e que não seja necessário materializar com todo o tipo de brinquedos, desenvolve a criatividade e capacidade da criança empreender os seus próprios projetos.

- Cultura de proteção/analfabetismo motor:

Sabemos que as crianças são protegidas por todos, com tantas inseguranças, tantos medos, receios e ansiedades os pais de hoje deixaram de promover na educação dos filhos muitos aspetos essenciais ao seu desenvolvimento, andar mais a pé do que de carro, desconhecer os sinais de trânsito e as regras, não conhecer o bairro e a cidade

onde se vive, como diz Carlos Neto “ver o mundo pela janela do carro e pela mão dos pais”. É da nossa responsabilidade desconstruir esta cultura de proteção, este analfabetismo motor que todos estamos a viver em silêncio, encoberto pela adesão compulsiva às novas tecnologias como forma de entreter e passar o tempo. No nosso Colégio as crianças são estimuladas desde cedo a subir e descer escadas, a correr, trepar e saltar, andam pela cidade, pelos corredores sem dar as mãos, sem serem em comboio. As crianças andam a pé, conhecem a cidade onde moram, identificam as ruas, sabem situar-se e encontrar os caminhos que as levam aos lugares.

- Mundo Digital (bombardamento sensorial):

Temos nos dias de hoje uma quantidade enorme de ferramentas digitais que influenciam a forma como as crianças se relacionam, as suas posturas físicas, a forma como pensam e determinam muitas vezes uma não ação direta sobre as coisas causando um afastamento da realidade e da socialização com os pares. As tecnologias que devem ser aproveitadas e geridas no contexto educativo como uma ferramenta de pesquisa que em nada substitui o papel do Educador, mas sim complementa a informação que temos em mão, sem desvalorizar os livros, a escrita manual da informação e a leitura, tão fundamentais no desenvolvimento cognitivo e emocional de cada um. É com uma visão de continuidade que conseguimos entender e valorizar a importância do digital, reconhecendo a necessidade de um equilíbrio saudável na sua utilização. A prática da investigação para a utilização das ferramentas digitais tem sido muito importante, pois quando as crianças querem saber mais sobre um determinado assunto, vão pesquisar na internet com ajuda do adulto e têm consciência de que é uma possibilidade quando querem saber mais sobre alguma coisa. Aqui as crianças não ficam a ver televisão no momento do acolhimento, a televisão é um recurso para enriquecer os nossos trabalhos, para ver um documentário, para saber mais sobre o mundo, identificar um problema. As crianças identificam o que é um telemóvel, um tablet, um computador, mas nós não incentivamos a uma utilização exagerada do mesmo valorizando por isso as relações pessoais e o cuidado e atenção para com o outro.

- Pluralidade das famílias:

Chegam-nos hoje muitas famílias, cada vez mais plurais, com características e contextos específicos que não nos podem, nem devem passar ao lado ou ser indiferentes. Percebemos que existem muitos gurus que abordam os mais diversos assuntos relacionados com a educação, influencers que passam mensagens constantes sobre

como ser pai e mãe, receitas que mostram como num mundo onde as aparências são mais importantes que a realidade há um deturpar de todos os papéis tentando que acreditam que é tão fácil ser pai e mãe. Chegamos a espaços públicos, como restaurantes, parques, supermercados e vimos crianças, famílias inteiras com o telemóvel ou com o tablet na mão, sem comunicarem entre si, sem se relacionarem. Ao ver e sentir que estas ações prejudicam em muito as relações humanas e a sua qualidade cabe-nos a responsabilidade de potenciar momentos onde estes comportamentos são contrariados. Por exemplo nos momentos de refeição as crianças aprendem a conviver umas com as outras enquanto almoçam desde que frequentam a creche. É um momento rico e interessante de se ver, as crianças conversam, interagem de uma forma tranquila, levam os seus tabuleiros após as refeições e limpam os pratos, os mais velhos vão lavar os dentes de forma autónoma e voltam para o parque para brincarem de forma livre. Quando precisam de alguma coisa aprendem a pedir por favor e no fim dizem obrigado ou obrigada. No dia do pai e da mãe acreditamos que o importante é passar o dia com a pessoa que têm de referência para o momento, não fazemos prendas que maioritariamente são feitas pelos adultos e não pelas crianças. Cada vez que a criança quer fazer uma prenda para alguém é livre de o fazer, principalmente porque lhe faz sentido e é a criança que pede. As relações com as famílias devem ser cuidadas, mas não negligenciadas ao ponto de não se dizer aos pais as coisas como são ou acontecem, a transparência é uma das bases do nosso trabalho.

- Interioridade (excesso de estímulo para fora de si):

É facto que muitos valores que existiam antigamente se perderam na evolução do homem, da sociedade em si, a sua recuperação pode colmatar algumas falhas que permitem que as crianças possam ser mais sensíveis, reflexivas e atentas. Nem sempre olhar para dentro de nós é um exercício fácil ou simples e pode levar o seu tempo, profissionais com capacidade e consciência dessa importância conseguem ajudar com mais facilidade as crianças a conhecerem-se a si mesmas, a valorizarem-se, a conversarem sobre o que sentem e pensam e a exteriorizar as suas emoções. No nosso contexto temos vários momentos em que trabalhamos de forma mais direta estes assuntos, nas sessões de filosofia para crianças, nos nossos debates, nas comunicações e nas reuniões em que cada um pode dizer o que pensa e sente sobre as coisas. Para além de todos estes momentos consideramos que trabalhar as questões da interioridade é algo que requer perícia, entendimento, sensibilidade, atenção e cuidado por parte de quem o faz. Nem sempre é um trabalho com resultados imediatos,

pois requer um reencontro constante entre todos, um trabalho de desconstrução e algum rigor em não deixar passar nada para que tudo possa ser resolvido quando tem de ser feito e que nada fique por dizer.

Para contextualizar todos estes detalhes, é importante deixar claro que muitos destes aspetos ainda não foram estudados, que não são ensinados e aprofundados devidamente na formação base dos profissionais, mas que merecem e é urgente uma discussão e ação sobre eles. A verdade é que as perguntas de hoje que são diferentes é incoerente e até mesmo irresponsável tentarmos responder com as respostas de antes. É sobre adaptação, coragem e evolução que as crianças nos pedem a nós profissionais de educação formas de agir, educar e partilhar conhecimentos de forma séria e atual.

Segundo, Jesuits Educacio, horizonte 2020:

“A chave é mover-se, atrever-se a viver a mudança, aventurar-se a descobrir a zona desconhecida. E isso é algo que não se debate, não se proclama ou escreve. É algo mais simples, faz-se. O primeiro elemento do caminho consiste em reconhecer que o próprio caminho é o objetivo.”

Como já referimos o Professor Joaquim Azevedo é quem nos tem inspirado neste caminho de busca incessante pela mudança, não podemos deixar de mencionar uma das suas frases emblemáticas no livro *“Há uma brecha no dique - Horizonte 2020”* que nos lembra sempre do nosso objetivo e grande desafio.

“Fala-se por isso, hoje, já não em mudanças incrementais, mas disruptivas, uma vez que o “vestido” da escola atual está a rebentar por todas as costuras. Mas perguntam muitos: será possível mudar as quatro rodas de um carro com ele em movimento? Sobre isto (e umas quantas coisas mais) temos de conversar e sem demora.” (Joaquim Azevedo)

O trabalho tem de ter sentido, estar protegido pelos documentos oficiais, sustentado e comprovado. Para existir a valorização dos profissionais e daquilo que escolheram ser, para aquilo que trabalham. No entanto, estar a trabalhar para os desafios da actualidade nem sempre deixa os profissionais descansados, a cair na sua monotonia, sempre dentro da sua zona de conforto. Queremos profissionais desinquietos, conscientes das suas capacidades e com a ambição de fazer mais e melhor, para isto cabe à liderança estar atenta, ajudar, motivar, desconstruir e dar um ambiente sólido e seguro. Aqui entra mais uma referência para nós, no trabalho com os profissionais e

famílias. Cristina Nogueira da Fonseca, Socióloga, especializada em psicologia comunitária, psicologia positiva e gestão de recursos humanos, que nos acrescenta como pessoas e profissionais sempre de uma forma consciente e científica, uma pessoa chave como consultora na reflexão e concretização do nosso projeto, com um poder de comunicação, argumentação e encaixe capaz de dar serenidade, alegria e compromisso a todos os nossos profissionais.

9. VALÊNCIAS CFA

9.1. VALÊNCIA DE CRECHE

“o nosso olhar sobre a criança, a nossa forma de trabalhar”

Esse momento em que se nasce e que se abre os olhos para o mundo é dotado de sensações que todos os dias nos tentam explicar. Tantas teorias, tantas ideias e opiniões, mas a memória não nos deixa lembrar do momento em que nascemos. O bebé é em si dotado de mistério e sabedoria, ninguém sabe ao certo o que sente, mas na sua essência consegue transmitir uma sensibilidade particular que dá aos mais dotados a capacidade de o entender. O bebé é tudo o que ele quiser ser, é observador, calmo, tranquilo, mas também agitado, barulhento, risonho e triste. É em si mesmo um todo que requer da nossa atenção o cuidado e o afeto para crescer com todas as suas capacidades asseguradas e respeitadas.

Nesta idade preocupa-nos se lhe estamos a dar todas as ferramentas necessárias, todos os estímulos precisos, todo o espaço desejado. Preocupa-nos conhecer o bebé dos dias de hoje, que nasce num mundo modernizado, avassalador, barulhento, mas que é neste mundo que temos de aceitar e repensar que as estratégias de aprendizagem e de cuidado de um bebé são em si transversais e fundamentais, uma base no crescimento e na estrutura emocional ao longo da vida, por isso uma enorme responsabilidade.

Em primeiro lugar não subestimemos o ser bebé e acreditemos que são capazes das mais interessantes aprendizagens. Quando se sentam olham atentamente para quem os observa, olham nos olhos, se não gostam choram, se gostam aninham-se e não querem sair. Escutam com atenção as histórias simples que lhes lemos e atentos observam as imagens dos livros que escolhemos criteriosamente. Emociona-nos ver crianças tão pequenas a escutar e a entender com os gestos e movimentos que fazem com o corpo. Quando vai acontecer alguma coisa já sabem, aproximam-se e esperam, fazem silêncio e respeitam o momento. Os bebés tocam e exploram materiais únicos e diferentes que amachucam, que levam à boca, que rasgam em pequenos pedaços e desmontam pelo chão. Um puzzle que explica os primeiros movimentos, que treina para movimentos mais complexos. Com as mãos, com os pés, com o corpo todo sentem o mundo e aprendem como funciona, começam a entender os sinais, os tempos, a linguagem.

Pintam pela primeira vez e sentem o momento no seu todo, não fazem nada pela metade, não sentem com pouco, têm de tocar, cheirar e experimentar, não sentem medo de explorar.

O bebé precisa que cuidem dele, dos seus cuidados mais básicos e que nesses momentos o respeitem enquanto ser humano, o que gosta, o que não gosta, precisa que conversem com ele, precisa também que façam silêncio se for preciso. Criar uma relação de confiança com o profissional é fundamental.

Os profissionais devem ser dotados de sensibilidade, ideias, perguntas e curiosidades que levem a conhecer cada criança enquanto ser individual. Perceber e interpretar cada choro, cada olhar, cada silêncio exige de cada profissional a capacidade de uma escuta que se faz nas entrelinhas do dia a dia, que não vem escrita, que é intuitiva e momentânea, mas com sentido.

Respeitar o bebé é preparar o seu tempo, os momentos a pensar em cada um e no grupo. Homens e mulheres trabalham no nosso berçário, auxiliares que dedicam o seu dia a dia a conhecer, a cuidar e a ensinar estas crianças. Em conjunto com as Educadoras planificam e todos os dias cada Educadora do colégio vai desenvolver uma atividade no contexto de berçário proporcionando às crianças experiências únicas e diversificadas criando vários pontos de vista e dando uma riqueza inigualável ao espaço em si onde os trabalhos das crianças são valorizados e onde vida brota das paredes. Trabalhar no berçário não é cair em monotonia, é um despertar não só para as crianças, mas também para os profissionais.

Ao crescer, as crianças vão gatinhando à procura de mais autonomia, vão pela mão ou pelo seu próprio pé criando o momento em que transitam para as nossas salas heterogéneas de Creche. O facto de trabalharmos de portas abertas permite que as crianças se desloquem quando se sentem preparadas para mudar e começem a sua própria adaptação com o olhar atento dos adultos que as rodeiam. “o que está para lá das portas?”, surge a primeira pergunta! É por isto que dizemos que a primeira demonstração de mudança parte das crianças, começam, portanto, a demonstrar interesse pela descoberta de novos mundos, novos desafios, outras realidades, novas aprendizagens e aventuras que se avistam para além das portas daquele lugar seguro e de afeto onde se encontram.

Muita coisa se vai perder neste curto espaço de tempo... começa o medo, o receio, as emoções mais assolapadas, um deambular de sentidos e sensações incontrolável, "não quero", "não me apetece", "não gosto", que muitas vezes reduz a duração da capacidade de concentração e o tempo de observação, a repulsa aos espaços, aos materiais e mesmo a quem nos rodeia, no fundo nascemos com tudo e, ao longo da vida, vamos perdendo.

Aprender a andar dá às crianças uma outra perspetiva sobre as coisas, observam e olham de um ângulo diferente, exploram de outras formas, escutam e interpretam, começam aqui a dizer as primeiras palavras e conectam-se com o mundo através de múltiplas linguagens.

As crianças demonstram a necessidade de novos estímulos, novas metas e objetivos, não ficam apenas por aquilo que é mais fácil, querem mais, desafiam-nos. Estar à altura de corresponder a estes desafios é algo que nos faz refletir e pensar diariamente na forma como potenciamos os diferentes momentos. Conhecemos o grupo e aprendemos a saber mais sobre cada criança, começa aqui a haver um espaço de diálogo e partilha em que a criança assume um papel fundamental na resolução dos problemas que vão surgindo. Cabe-nos a nós dar-lhes espaço para articular o pensamento e começarem a construir as primeiras frases que lhe permitem dizer o que pensam e sentem. Os momentos que criamos vão também tornando-se mais desafiantes, tornando-se cada dia com mais intencionalidade e desenvolvendo engrenagens que permitem promover nas crianças mais pequenas o gosto pela arte, pela leitura, pela escrita, pela exploração livre, pelo brincar, pelo estreitar de relações ricas onde as crianças manifestam as suas emoções de forma natural e saudável e onde se sentem seguras para as partilhar. O papel do profissional é fundamental neste processo, pois o seu desenvolvimento na preparação dos momentos, na organização do espaço e materiais é fulcral nas possibilidades que as crianças podem escolher diariamente e isso pode determinar a forma como as crianças aprendem e vivem o seu dia a dia no contexto educativo.

Se quisermos falar do trabalho através das diferentes formas de arte desde cedo conseguimos perceber como isso as marca na forma como se relacionam com os materiais, com aquilo que conhecem de novo, com o que podem contemplar. Desenham os seus primeiros traços e assumem-nos como um desenho que tem sentido, que representa algo concreto aos seus olhos. Os materiais que podem utilizar diversificam-se permitindo que as crianças não possam perder a sua vontade de tocar

e explorar naturalmente, as canetas, os lápis, o carvão, o pastel, as aguarelas, as tintas, estão dispostos de forma a que as crianças os possam utilizar, os possam experimentar e sentir todas as suas potencialidades. O profissional ensina como se faz, mas a criança tem o seu tempo para experimentar e sentir em pleno o momento que está a ter e viver.

Falemos agora de autonomia, a criança quer fazer e faz, sem ajuda, apenas com observação do adulto. Este espaço e tempo são fundamentais para que a criança sinta vontade de descobrir e conhecer novas coisas. Aprendemos que a autonomia é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, mas percebemos também que a confiança e a segurança que lhes transmitimos é crucial para a vida futura e que se for transmitida e trabalhada de forma assertiva desde cedo é uma ferramenta fundamental para que as crianças acreditem nelas próprias desde cedo e se considerem capazes.

Dar voz às crianças desde cedo é um passo sério na vida de cada uma, onde há espaço para dialogar, criar relações de amizade, despertar sentimentos, conflitos, alegrias e tristezas permitindo que as crianças resolvam problemas, se tornem fortes, corajosas e com sentido de vida. Para que isto aconteça é importante que os profissionais se relacionem com as crianças numa base de respeito, afeto e que se envolvam nas brincadeiras, que consigam fazer esse exercício tão magnânimo que é colocarem-se no lugar das crianças. Baixarmo-nos ao nível das crianças, olhar nos olhos, ir junto das crianças para falar, para questionar, para abraçar, escutar, saber esperar, dar a mão e cuidar, aconchegar, prolongar o tempo de aprender e de ensinar sem pressa de sair são a confiança e segurança que devemos dar a todas as crianças e a que todas têm direito. Começamos aqui a cuidar do coração das nossas crianças para que também elas aprendam a cuidar do outro e a sentir em toda a plenitude, para que tenham sede de saber e vontade de aprender e conhecer o mundo que as rodeia.

Porque “vivemos um tempo de (novas) escolhas. E que deveria ser, acima de tudo, um tempo de exigência. Uma exigência de verdade. Uma exigência de trabalho. Uma exigência de humildade. Uma exigência de escuta. Uma exigência de autonomia e responsabilidade.” (Professor Matias Alves)

Os profissionais de Creche têm de ter consciência que aprender a observar é ver com rigor, um rigor que nos permite chegar aos interesses e especificidade de grupo e individuais. Um trabalho feito com sentido, livre de vazio e de rotina. Profissionais que “respiram alegria, ânimo, esperança e sentido de compromisso” (Joaquim Azevedo).

9.2. VALÊNCIA DE PRÉ-ESCOLAR

“o nosso olhar sobre a criança, a nossa forma de trabalhar”

As crianças mudam, as crianças que nos chegam hoje não são iguais às crianças de ontem. Chegam-nos com os olhares abertos em constante transformação, bombardeados por uma sociedade cheia de estímulos, com todo o tipo de informação. Cabe-nos a nós encontrar estratégias para dar respostas diferentes, redefinir objetivos e refletir sobre novas e possíveis formas de trabalhar.

Para contextualizar a nossa história é preciso começar por explicar porque é que hoje existimos assim com esta metodologia diferente e inovadora, com uma forma de trabalhar criada e particular da qual não desistimos, persistimos e acreditamos porque as nossas crianças nos dizem que esta forma de trabalhar no Pré-escolar é sensacional.

A vida no Pré-escolar precisou um dia de uma mudança que nos permitisse sentir o verdadeiro sentido das coisas, na forma como as crianças realizam uma atividade, o seu sentido de pertença pelo espaço cada vez que entram nele e observam os próprios trabalhos, a sua participação em tudo o que existe dentro do Colégio, o cuidar do outro, o ver e sentir no seu todo, reconhecer e identificar, o respeitar e a capacidade de se aceitar como se é, aprender a errar e a melhorar, brincar e viver uns com os outros. Foi preciso ver isso a acontecer para recusar fazer as coisas de outra maneira, como dizia António Nóvoa “*Recusar não é esquecer, não é negar, não é omitir. Recusar é conhecer, estudar, investigar, compreender. É tentar imaginar outros destinos.*”

O nosso Pré-escolar é o lugar onde acompanhamos as crianças, trabalhamos em equipa e reconhecemos seriamente as opiniões uns dos outros como bem-vindas e fundamentais para o crescimento e aprendizagem de todos.

Acompanhamos as crianças nos seus projetos, damos voz às suas ideias e ajudamos a que aprendam a estabelecer relações entre uma área e as outras para que daí nasçam trabalhos realmente interessantes com a participação de todos e com uma ligação a diferentes conhecimentos que permite que as crianças aumentem e diversifiquem a sua cultura e a possam partilhar uns com os outros nos diferentes momentos. Acompanhar é ter tempo para ouvir, para escutar atentamente, mesmo os silêncios que muitas vezes saem dos olhares, das posturas, das palavras que não são ditas. Acompanhar é fazer acontecer quando já não se acredita, é lembrar e relembrar, é aproximar, é dar a mão, mas também dizer não quando é preciso. Acompanhar as crianças nesta fase da sua

vida é um ver despertar da consciência do mundo que as rodeia, é também um ver perder e ganhar tantas coisas, mas é essencialmente ter esse extraordinário privilégio de as ver crescer.

Para acompanhar as crianças é fundamental valorizar a sua história de vida, perceber quem são, o que gostam, o que não gostam, os seus medos, quais os seus interesses, as suas curiosidades, as suas necessidades. Conhecer uma criança é respeitar a sua individualidade, mas também ensiná-la a respeitar o outro enquanto ser individual.

Compreender uma criança é conseguirmos colocar-nos no seu lugar, perceber como vê o mundo, como pensa, como sente, como olha para o outro e escuta o que lhe dizem, é ter tempo para a observar, para conversar com ela e brincar, é ter tempo para que possa falar sobre si mesma. Respeitar a criança é também afastarmo-nos quando precisa de espaço, é ajudar a levantar quando cai, é perguntar se está bem e do que precisa para se sentir melhor. É dar confiança, segurança, é dar afeto.

Não nos podemos esquecer que a história de vida de cada criança é também desenhada por nós que estamos tanto tempo com cada uma delas e daí o papel fundamental do profissional neste acompanhamento no Pré-escolar, que no fundo ajuda a determinar tantas aprendizagens e escolhas que as crianças podem ou não fazer ao longo da vida. Os alicerces que se constroem são a base para a vida futura e por isso o papel de todos os que educam é de uma enorme responsabilidade.

Para conhecer cada criança é importante ter consciência das suas necessidades, o que precisam para fazer melhor, para resolverem os seus problemas e conflitos, o que já sabem fazer, o que querem aprender. Temos de saber as especificidades individuais, saber se para além de tudo o que podem aprender têm cuidados de saúde, especificidades que nos levam a ter que reestruturar e pensar a sua forma de trabalhar e agir, reestruturar o espaço e materiais se for necessário. É também fundamental referir que as ambições de cada criança devem ser ouvidas e registadas, as ideias mais mirabolantes quando ganham vida tornam o desejo de uma criança possível. Conseguem ver o seu projeto, ideia valorizada e concretizada, isto é tão importante para as crianças, para o grupo e para os profissionais, todos acham que são capazes e que conseguem, o próximo objetivo é fazer mais e melhor, é desafiar-nos a nós próprios. As crianças desde cedo aprendem que uma ideia é possível de concretizar desde que esteja no horizonte da sua ambição e que sejam reunidas as ferramentas e instrumentos necessários.

Cuidar das crianças para além de escutá-las é em conjunto potenciar um treino de emoções que permite que as crianças se conheçam a si mesmas e ao outro, se relacionem de forma positiva, falem sobre o que sente e assumam uma postura crítica em relação ao que as rodeia. Sejam crianças fortes e corajosas com capacidade de resposta e com capacidade para perceberem quando se devem remeter ao silencio, o silencio que permite que escutem e compreendam, o silêncio que as faz pensar. As crianças têm aqui a possibilidade de se reunir várias vezes para conversar sobre os mais variados temas, sobre os sentimentos, sobre os problemas que vão surgindo e que permite que as crianças reflitam em conjunto e raciocinem sobre as coisas da vida. O facto de nos juntarmos para conversar sempre que acontece alguma coisa e responsabilizar o grupo pela resolução de novas situações, questões comportamentais, aprendizagens, coisas que não gostam, coisas boas que acontecem é fundamental para o crescimento e desenvolvimento das suas capacidades emocionais.

Para além da parte emocional é crucial para nós que as crianças sejam flexíveis, que os seus corpos e mentes possam fazer e pensar em várias coisas e estabelecer ligações entre as mesmas de forma rápida e eficaz. Muitas vezes conseguimos verificar que as crianças realizam um trabalho na área do conhecimento do mundo e sabem que precisam de ir à área das expressões para o terminar, conseguem estabelecer ligações e pensamentos entre uns conhecimentos e outros e falar sobre isso. As crianças conseguem esta flexibilidade através do treino, da aprendizagem, mas essencialmente da forma como vêm os profissionais a fazê-lo quando falam com elas. Nas conversas, reuniões, atividades de grupo em que o profissional ajuda as crianças e as lembra das ligações entre os diferentes assuntos é fundamental para que façam o mesmo e ganhem autonomia nas estratégias que utilizam para melhorar os seus trabalhos. Ajudar as crianças a criar mapas mentais, esquemas e colocá-los em prática é muito importante para o desenvolvimento das crianças, para as tornar mais despertas, com pensamentos mais ágeis e flexíveis.

Não há educação sem arte, está presente em todas as coisas e momentos e ajuda as crianças e profissionais a organizarem-se, a ganharem noção de espaço e do propósito. Como dizia João dos Santos “(...) Fazer uma “educação artística da criança” parece-me tão absurdo, como fazer uma educação infantil, científica, matemática ou biológica, como disciplinas estanques. A educação deve integrar tudo, no sentido de estimular e ajudar a criança a encontrar-se a si própria e a integrar-se na cultura da sociedade em que vive. Aquilo a que se chama educação artística não deve ter como

objetivo o despertar de aptidões específicas. Os aspetos estéticos da educação devem impregnar toda a atividade escolar (...)". É este impregnar que nos faz ter a arte na educação e a educação na arte e ver as crianças a aprender a querer fazer bem, com uma consciência do espaço, do papel, da folha, do caderno, com um propósito em tudo o que fazem e com a extraordinária capacidade de se maravilharem e nos deixarem maravilhados com o que dizem e pensam sobre as coisas.

Aprendemos a perceber o quanto as crianças são extraordinárias com as suas formas peculiares de ver e analisar as pessoas e as coisas que acontecem. Ensinamos-lhe desde cedo o sentido das coisas, o porquê de estarmos a fazer assim, o porquê de acontecer de uma forma e não de outra, ensinamos-lhe também que há várias formas de chegar a um objetivo. Ensinamos-lhe desde cedo a perceber que as múltiplas linguagens que utilizam permitem também dar múltiplos sentidos ao que está à nossa frente e que isso nos ajuda a compreender melhor os acontecimentos e o que estamos a fazer. Sempre que a criança se propõe a fazer alguma coisa deve perceber o sentido do momento, para não perder o foco e se conseguir concentrar nos seus objetivos. O tempo é muito importante nesta busca pelo sentido das coisas, dar tempo às crianças é valorizar os processos e não apenas o resultado que obtemos. Muitas vezes vimos as atividades acontecerem de forma rápida e ouvimos as crianças dizerem "já está", mas será que está mesmo, ou a pressa não permitiu que se envolvessem, perderam o interesse, querem brincar livremente, estão mais interessados em fazer outras coisas, alguns dos fatores que podem influenciar a realização de um projeto ou de uma atividade específica. É importante referir que isto acontece quando são atividades escolhidas pela própria criança, ideias suas. Cabe-nos a nós profissionais perceber que tem de haver da nossa parte um ensinamento para que a criança perceba que tem tempo para realizar o seu projeto, para brincar e para fazer o que quer e deseja, sem ter que terminar com pressa acabando por perder o sentido da tarefa. Muitas vezes é um processo complexo ajudar a criança a redescobrir e reinventar como pode melhorar o seu trabalho não dizendo sempre "está muito bonito", "está lindo", mas ensinando que pode transformar o que fez em algo melhor, e que as suas capacidades vão mais além. Perceber que processos e resultados são importantes, mas que está no tempo intermédio a essência e aquisição das aprendizagens, é um aspeto que consideramos de extrema relevância no trabalho diário e na forma como o mesmo é avaliado, em que, tanto crianças como profissionais, devem estar conscientes do seu impacto na educação.

A criança que descobrimos ao longo dos anos que temos vindo a trabalhar com o nosso

Modelo é um ser pensante, consciente e ativo que nos surpreende com as suas rápidas respostas. São crianças emotivas e perspicazes, sensíveis, com sentido crítico, capazes dos mais complexos raciocínios, das perguntas mais intrigantes e das respostas mais interessantes. Crianças que têm liberdade para dizer o que sentem e pensam, mas que também estão preparadas para ouvirem o que não querem ouvir e o que não gostam, são crianças que aprendem que a sua alegria é valorizada, mas também os seus medos e as suas angústias. As crianças com que trabalhamos vivem num espaço artístico incontornável, onde as portas estão abertas e as janelas deixam passar luz, onde a sua voz é o que mais se ouve. Aqui aprendem a manifestar os seus desejos, as suas ambições, a conversar uns com os outros sobre quando se encontram nas livrarias e em espetáculos culturais na nossa cidade. Aprendem a ser, a ser pessoas com mais humanidade, a dar a mão e olhar à volta, a olhar com propósito e sentido para o que fazem e a terem mentes e corpos flexíveis.

Como dizia Alexandre O'Neill “*Imaginar, primeiro, é ver. Imaginar é conhecer, portanto agir.*”, esta frase enquadra-se na forma como os nossos profissionais, que trabalham no Pré-escolar devem ser, pessoas de ação, flexíveis, capazes de estabelecer ligações, respeitar o outro, ouvir as crianças e dar respostas, ajudar a encontrar caminhos. Um companheiro de viagem neste processo que é aprender, onde todos aprendem uns com os outros. Aqui os profissionais têm de estar atentos a todos os lados, não podem ver só o seu, têm de ser humildes, aprender a desconstruir pensamentos e a adequá-los às novas realidades. Têm de aprender a dizer não como dizem sim, e a ser verdadeiros na forma como transmitem os conhecimentos às crianças. O seu olhar deve ser sempre de enriquecimento, a sua capacidade de escuta e observação a sua melhor arma, e a relação com as crianças a base da responsabilidade e do respeito para a construção do conhecimento.

10. MODELO PEDAGÓGICO “EDUCAR PARA SER” | Valência de Pré-Escolar

“A escola do futuro não é um lugar onde chegar e instalar-se, mas é mais uma direção, uma maneira aberta e dinâmica de trabalhar, de partilhar e de crescer constantemente. Este é o repto: atualizar-se em cada dia, viver saltando, avançando coletivamente de uma forma inteligente.” **Joaquim Azevedo**, Há uma brecha no dique - “Horizonte 2020”

Fundamentação

Ao longo dos anos temos vindo a perceber que as crianças de hoje são diferentes das crianças de ontem. Face a isto é impossível continuarmos a dar as mesmas respostas em educação para perguntas que hoje são diferentes.

Com a pesquisa e observação de projetos inovadores internacionais, sentimos que a mudança dependia da nossa capacidade de resposta e de nos conseguirmos reinventar e da forma como olhávamos para estas crianças de hoje.

A primeira reflexão que ao mesmo tempo criou impacto foi a necessidade na reorganização/aproveitamento e respeito do espaço educativo e do seu verdadeiro intuito.

O antes, sala única com o espaço dividido por áreas, era redutor, estereotipado e onde era impossível valorizar as potencialidades de cada área.

A segunda reflexão prendeu-se com a necessidade de deixar de limitar a equipa de profissionais, potencializando-a e tornando assim em uma equipa de alto rendimento preparada para trabalhar com estas crianças de hoje como o verdadeiro centro da aprendizagem.

Ter uma equipa que partilha conhecimento, experiência, potencial e forma de avaliar entre todos, diversificando os processos de aprendizagem e enriquecendo o conhecimento e desenvolvimento das crianças tendo como base as OCEPE (Orientações Curriculares do Pré-Escolar, documento orientador do Ministério de Educação, atualizado em 2016).

Com este modelo as crianças escolhem diariamente a área onde querem trabalhar, sempre com a regulação do profissional (através de registo próprio) para que esta escolha e as suas aprendizagens sejam diversificadas. As crianças aprendem a autorregular-se e a assumir o compromisso das suas escolhas e dos trabalhos a que se propõem bem como do término dos mesmos. Este trabalho de entendimento e respeito pelo tempo do processo a que não estão habituadas, é gerido pelo profissional ao início até que as crianças o façam naturalmente.

Os profissionais vão rodando de áreas conforme a planificação feita pelas crianças potencializando as aptidões/especialidades/conhecimento de cada um deles.

No final da semana em reunião de grande grupo são colocadas três questões a cada uma das crianças:

- O que acrescentaste ao teu cérebro?
- Onde brincaste com o teu conhecimento?
- O que queres fazer para a próxima semana?

Com as respostas que são dadas pelas crianças conseguimos perceber as conexões que são feitas entre o conhecimento que acrescentaram e a área onde brincaram com o seu conhecimento. Este exercício para além de treinar o pensamento em termos de

ligações faz com que crie uma linguagem mais rica de vocabulário e adjetivos.

Grupo e Equipa de Profissionais

Um grupo único que pode ir até 70 crianças.

Profissionais qualificados e segundo Decreto-Lei nº147/97, de 11 de junho, de um(a) Educador(a) e uma auxiliar para cada 25 crianças.

Professores(as) Externos para Atividades de Enriquecimento Curricular definidas anualmente.

Organização do Espaço

As três salas de Pré-escolar foram pensadas/organizadas por áreas de conteúdo da seguinte forma:

- **Área do Conhecimento do Mundo, Ciências e Matemática**

Um espaço preparado para a elaboração de projetos criados a partir dos interesses das crianças (o que já sei, o quero saber e como vou investigar), para a observação de experiências (processos e resultados) e outras pesquisas, para o desenvolvimento de jogos matemáticos e de construção.

- **Área do Faz e Conta**

Denominada anteriormente como “Faz de Conta”, e de forma a conseguirmos avaliar um dos nossos pilares do projeto educativo, “A educação para a criatividade e empreendedorismo”, passou a ser “Faz e Conta”.

Um espaço equipado com diferentes tipos de materiais para que as crianças possam pensar e construir os seus próprios brinquedos; caixa de ferramentas real para que conheçam o seu nome/utilidade e para que aprendam os cuidados a ter ao manusear cada uma delas; um espaço de costura com agulhas/linhas/dedais/alfinetes/tecidos entre outros materiais, um tear grande divido em quatro espaços de trabalho e um pano suspenso para costura, projeções e teatros de sombra.

- **Área das Expressões, Leitura e Escrita**

Espaço com mesas amplas para utilização de várias técnicas de expressão plástica com diferentes materiais de pintura disponíveis às crianças; mesa ampla para modelagem de barro e outros materiais; espaço no chão para realização de pinturas; um espaço com mesas e cadeiras reservado essencialmente para a leitura/observação e escrita.

Apesar de ter sido essencial criar estas áreas para respeitar o seu conteúdo acaba por ser bastante visível no dia a dia de trabalho com as crianças a transversalidade que existe entre cada uma delas. É muito natural que um projeto que nasce na área do conhecimento possa ter que abranger de alguma forma a área do faz e conta, as expressões, leitura e escrita, na construção de algo para exemplificar o funcionamento do que está a ser alvo de investigação, no registo escrito da informação e depois na ilustração da mesma. Assim como muitas vezes referimos que a escrita e leitura, assim como a matemática estão presentes em diferentes momentos da realização das atividades. Os livros, obviamente, estão também presentes em cada uma das áreas.

Horas Letivas

A carga horária está dividida entre o período da manhã (4 horas) e o período da tarde (2 horas). Importante referir que as chamadas extracurriculares são por nós entendidas como de enriquecimento curricular estando presentes as Educadoras e Auxiliares. A prática das mesmas é uma extensão do trabalho em contexto de sala sendo distribuídas durante o dia, não ficando para o horário da tarde como é comum vermos nas instituições (podendo ter o horário da manhã ou da tarde).

Respeito pela necessidade de repouso por parte de crianças que transitam de Creche no início do ano letivo.

Avaliação

A gestão do processo de avaliação é a definida em projeto educativo com a vantagem de ser partilhada pelo grupo de profissionais. É com a análise de diferentes olhares e perspetivas que permitem enriquecer e complementar a avaliação, tida pelos diferentes profissionais, sem qualquer juízo de valor, sendo assim, uma avaliação dinâmica, sólida, consistente e justa.

Benefícios deste modelo para as Crianças:

- Não estarem condicionadas a uma só sala (rotatividade de espaços);
- Diversidade das aprendizagens;
- Partilha e acesso ao conhecimento e experiência de diferentes profissionais (diferentes pessoas/diferentes conhecimentos/diferentes saberes);
- Perceção da transversalidade de conteúdos do dia a dia;
- Ganho na capacidade de trabalho e organização da criança;
- Organização do pensamento,
- Promoção do sentido crítico;
- Não estar condicionado à avaliação/olhar de um só profissional;
- Participação ativa da criança na avaliação;
- Promoção da responsabilidade e capacidades individuais;
- Promoção de uma autonomia mais consciente;
- Aprendizagem constante do sentido de trabalhar em grupo;
- Capacidade de comunicar verbalmente o que fazem;
- Respeito.

Benefícios deste modelo para os Profissionais:

- Falta de espaço para “se acomodarem” - desafio constante em fazer mais, melhor e diferente;
- Melhoria constante na forma de ensinar (teoria e prática) através da análise de práticas em: grupos diferentes/aprendizagens, diferentes/resultados, diferentes;
- Apoio constante entre colegas (entreajuda);
- Responsabilidade partilhada;
- Troca e partilha de conhecimento;
- Complementaridade das observações no momento da produção da avaliação final;
- Espaço para assumir fragilidades;
- Valorização de aptidões individuais;
- Respeito do tempo de cada um;
- Gestão de egos pessoais;
- Estímulo da criatividade;
- Desafio;
- Coragem.

11. HETEROGENEIDADE

O porquê desta opção?

Porque vivemos em sociedade, que temos como um sistema complexo e dinâmico entre pessoas, das relações que criam entre si e dos valores individuais que influenciam a vida em comum e por si, própria identidade do Ser, faz sentido que as crianças o aprendam e vivam desde cedo no seu contexto educativo.

Tendo como um dos pilares a Educação para a Cidadania, é desta forma que o conseguimos trabalhar e avaliar.

Trabalhar com grupos de crianças de diferentes idades só nos traz novas formas de criar interações ricas e profícias entre as crianças, onde as mesmas se aprendem a respeitar, a cuidar, a aprenderem entre si e a partilhar conhecimentos, a ensinar a fazer e a aprender a fazer. Uma troca simbiótica de saberes e conhecimentos que torna as crianças capazes de gerir a sua própria aprendizagem e a forma de se relacionarem. Na nossa realidade encontramos as crianças a ajudarem-se uns aos outros, a colaborar na organização das tarefas e a incentivarem-se mutuamente no desenrolar de uma vida diária onde as vemos crescer e aprender. Trabalhar desta forma nem sempre é fácil, implica um conhecimento real das características individuais de cada criança, um respeito por parte dos profissionais por aquilo que a criança é capaz de fazer e o compromisso em conseguir dar diferentes respostas e estímulos a diferentes necessidades e interesses.

Heterogeneidade é também acreditar e confiar nas capacidades individuais, trabalhar valores e responsabilidade. Conseguimos observar a sua dimensão não só em momentos de atividades mais dirigidas, mas também e sobretudo, em momentos de brincadeira livre.

Como exemplo, em Creche, começamos pelo incentivo da partilha, do cuidado pelo outro e o saber esperar pelo grupo, bem como pela grandiosidade da interajuda que se conquista.

Em Pré-Escolar, nas reuniões de grande grupo percebemos nitidamente a evolução na capacidade de escuta, o respeito pela palavra do outro, o saber esperar pela sua vez, o pedido de alguns para que falem mais baixo, para que estejam atentos e se dediquem, o que dá uma consciência à criança do seu papel fundamental na aprendizagem coletiva entre pares.

O grande impacto nesta opção pedagógica reflete-se na aprendizagem e aquisição do respeito e da capacidade de partilhar. Assim estamos a começar a preparar as nossas crianças para serem futuros cidadãos ativos e conscientes.

12. ADAPTAÇÕES E TRANSIÇÕES

A adaptação é um início ao contexto educativo, a transição uma passagem de berçário para as salas heterogéneas de creche e uma passagem de creche para o pré-escolar e, mais tarde uma passagem para a escola. Este tempo de se adaptar e transitar implica um cuidado extremo de quem está com a criança e de quem a recebe. Não tornando este momento como um tempo de troca, mas um tempo de mudança de vida e hábitos, para as crianças, para as famílias e para as equipas.

A transição de salas ou valência também se pretende que seja um processo gradual, com tempo, com olhares atentos e escutas permanentes, onde a criança é respeitada, incentivada e onde lhes é dado um novo olhar sobre a vida e proporcionadas novas experiências.

Começamos pelo primeiro momento em que a criança nos chega e preparamos a sua adaptação que também não deixa de ser uma transição da sua casa, da casa dos avós, de outro país, para o nosso colégio. O primeiro passo é receber os pais e saber o que nos podem dizer sobre o seu filho ou filha. Essa informação é amplamente registada para que antes do início do processo de adaptação os profissionais já consigam saber sobre a vida daquela criança e respeitar as suas particularidades. Após esta adaptação a história de vida segue com ela no seu processo individual que facilita mais tarde os processos de transição e deixam a marca pessoal de cada um.

Prevemos sempre que este processo inicial de adaptação ao colégio, tenha a duração de uma semana. A criança começa por ficar uma hora e de uma forma gradual, termina a semana a ficar o dia todo. Sentimos que, não só é importante para a criança, mas também para que a família ganhe confiança e se sinta segura ao deixar o seu bem mais precioso connosco.

Os registos escritos que vão sendo criados e dos quais falaremos no momento da avaliação são essenciais para que quem recebe a criança possa ler e descobrir mais sobre a mesma. São estes registos, as partilhas de reuniões com a família, os trabalhos realizados pelas crianças, os relatórios de adaptação e transição, assim como os

relatórios de avaliação trimestrais que marcam a diferença na forma como vimos a criança e como podemos ajudar a sentir-se confortável, segura e confiante nesta mudança de espaço, de pessoas e de vida, que para muitos parece ser mais um momento, mas que deve ser vivido com respeito, com o tempo necessário e com dignidade para com todas as crianças.

Na base de tudo isto está a relação de confiança que a criança cria com um ou mais elementos da equipa, os profissionais que vão trabalhar com ela, o que vai de alguma forma moldar a sua confiança, o seu à-vontade e a forma como se relaciona com o espaço e com os pares. A transição também de equipas de profissionais permite que as crianças aprendam a aceitar e adaptar-se à mudança não a reconhecendo como algo estranho e que lhes cause medo e ansiedade, mas como um processo natural e aceitável.

Nem todas as crianças estão imediatamente preparadas para transitar, mesmo que existam todos os registos que falámos ou estratégias facilitadoras que podem não resultar, por vezes é preciso dar tempo ao tempo e conhecer a criança no seu todo, sem receitas, sem estereótipos, sem invadir o espaço. São detalhes e a forma como os profissionais lidam com eles e a importância que lhes dão que tornam uma transição bem-sucedida ou não.

13. ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR

Enriquecimento porque são pensadas e planeadas como um complemento ao trabalho feito diariamente e por ser decisão da Fundação Alentejo, entidade proprietária do CFA, que as mesmas devem ser para todos e não só para aqueles que as famílias podem pagar. Profissionais qualificados para o efeito, externos, com perfil de missão e respeito que se enquadrem e acreditem na nossa forma de trabalhar de forma a conseguirem dar esse complemento educativo de que falamos.

Consideramos face ao nosso projeto educativo, missão e valores que a escolha das mesmas deve prender-se sempre com aquisições de competências como o respeito e cuidado pelo corpo, trabalho em grupo/equipa, o aprender a expressar-se em grupo, o movimento como expressão, confiança, artes plásticas e conhecimento de outras línguas.

Momentos em que educadores e auxiliares também fazem parte, um trabalho de profissionais conjunto sempre complementado por especificidades individuais e de grupo. Momentos desde berçário a pré-escolar.

Um trabalho e dedicação dos profissionais que também é reconhecido e valorizado por nós fazendo parte da avaliação de cada criança.

14. AVALIAÇÃO

Respeitando as diferenças, aptidões naturais e interesses das crianças de hoje, vemos-nos obrigados a reinventar e adaptar modelos pedagógicos e formas de atuar para conseguirmos dar respostas diferentes e atuais às necessidades de cada criança. É também urgente e necessário que a avaliação seja reestruturada de forma a ser justa, séria e representativa tanto do processo de desenvolvimento de cada uma das crianças bem como do trabalho dos profissionais que as acompanham.

A avaliação é um processo contínuo e conjunto onde todos têm um papel ativo, profissionais e crianças. Não existe avaliação sem observação, sem conhecimento prévio do contexto do grupo, das necessidades, particularidades e interesses sempre presentes neste processo que é avaliar.

Importante também que esta avaliação respeite e demonstre a intencionalidade do projeto educativo da instituição (missão e valores), respeite as OPC (Orientações Pedagógicas para Creche, documento orientador do Ministério da Solidariedade e Segurança Social e Ministério da Educação, de março de 2024) e processos chave da Segurança Social como, em pré-escolar das respetivas OCEPE (Orientações Curriculares do Pré-Escolar, documento orientador do Ministério de Educação, atualizado em 2016). A forma encontrada por nós de gestão do processo de avaliação de forma a respeitar tudo o que anteriormente referimos tem como base Aprendizagens e Princípios que geram Operacionalização de Demonstrações.

As crianças demonstram os seus interesses e necessidades e os profissionais planificam com intencionalidade, enriquecendo e complexificando as diferentes atividades/momentos que vão acontecendo. Esta planificação é uma proposta que em si não pode ser estanque e por isso a sua operacionalização/demonstração deve

ser observada/registada através de instrumentos de monotorização próprios que fundamentam a avaliação final.

Nestes instrumentos de monotorização diária têm de estar presentes os seguintes aspetos:

- Comunicações e apresentações das crianças;
- As escolhas;
- A partilha;
- Os momentos de atividades dirigidas e livres (brincadeira);
- A forma de realizar os trabalhos (processo);
- A exposição como valorização dos trabalhos;
- A concretização do processo;
- As evoluções/retrocessos/melhorias;
- Na interajuda;
- No respeito;
- Na organização do ambiente educativo.

É com este rigor que pretendemos que seja valorizado o profissional de educação reconhecendo o seu trabalho e precisão no ato de avaliar e, desta forma, conseguirmos dar o valor merecido à educação desde a infância onde já se trabalha de forma pedagógica e intencional e não meramente e só, a prestação de cuidados básicos com as crianças.

As crianças têm abertura, espaço e capacidade para dar a sua opinião, para debater e trabalhar o que querem e da forma como querem sempre com o devido respeito. Têm sentido crítico e aprendem a avaliar o seu trabalho e dos seus pares com respeito e empenho. Expõem os seus trabalhos aos olhares dos seus colegas e ficam abertos a opiniões, a críticas e observações de melhoria relativamente ao que fazem. São momentos que consideramos de avaliação e aprendizagem do próprio trabalho, cruciais no desenvolvimento das crianças e onde é sempre garantido o desenvolvimento emocional e cognitivo de cada uma.

A avaliação é apresentada aos pais de forma descritiva que começa por falar da criança, do que ela é, da forma como está e se sente, na forma como interage e se vai dando a conhecer. Após este momento existe uma descrição das atividades desenvolvidas pelos profissionais referentes a cada uma das áreas do desenvolvimento curricular onde são identificadas as aprendizagens individuais, as dificuldades e os

pontos de melhoria. Para cada situação um exemplo prático e real baseado nas observações diárias que sustenta a mesma.

É nosso objetivo que ao lerem as avaliações dos seus filhos os pais os reconheçam em cada palavra.

A leitura ou análise da avaliação pode e deve ser feita numa reunião individual com os pais em cada um dos trimestres com o(a) Educador(a) do grupo/sala onde se abre espaço para conhecermos a criança em contexto familiar e onde os pais podem partilhar desconfortos/inseguranças, dar sugestões, reclamar ou agradecer sobre o trabalho dos profissionais (em registo próprio de reunião individual). Quando se refere a reuniões de avaliação de pré-escolar a presença das crianças enriquece o momento quando as mesmas apresentam os seus trabalhos e falam da forma como aprendem.

É muito importante que estas reuniões aconteçam para o bem e sucesso da criança para além de fazerem com que os pais se sintam também parte do processo e responsáveis pelo mesmo. Este registo de reuniões complementará o processo individual da criança como prova do trabalho feito com cada uma e dos interesses e preocupações dos pais acompanhando-as no seu percurso escolar ao longo da vida.

15. PERFIL DA CRIANÇA À SAÍDA DO CFA

É nosso objetivo e ambição criar nestas crianças que acompanhamos desde o berçário ao final da etapa de pré-escolar, competências e valores para que possam ser:

- Cidadãos ativos e conscientes preocupados em ajudar o outro e contribuir para a diferença;
- Capazes de respeitar e incluir o próximo;
- Autónomos e responsáveis;
- Com coragem para falar e Ser;
- Com ambição e empreendedorismo;
- Criativas e com pensamento crítico;
- E com capacidade de pensamento interdisciplinar (Mentes Flexíveis).

“O futuro da Educação
Também depende de nós, de ti e de mim.
Ânimo pois e perseverança,
porque o futuro que queremos para as nossas sociedades
depende em larga medida da educação que formos capazes de proporcionar hoje
às crianças e aos jovens,
porque depende do que eles levarem para o futuro no seu coração.”

Joaquim Azevedo

in A Educação do futuro está aqui, março de 2016